

A instituição das técnicas globais e a destituição dos saberes locais: a expressão da Monocultura da Mente diante da Ontologia Relacional

La institución de las técnicas globales y la destitución del conocimiento local: la expresión de la Monocultura de la Mente frente a la Ontología Relacional

The institution of global techniques and the destitution of local knowledge: the expression of the Monocultures of Mind before the Relational Ontology

Douglas Felipe Gerhardt¹

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Franciele Clara Peloso²

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Resumo

Em um contexto de avanço da globalização, marcado pelo aumento da urbanização, os estilos de vida têm ficado cada vez mais homogêneos. As peculiaridades locais de cada território têm perdido espaço frente as dinâmicas globais decorrentes do capital, da indústria, de suas técnicas e instrumentos de trabalho (Santos, 2006; Wilkinson; Goodman; Sorj, 2008). Concomitantemente à homogeneização do local, a monocultura agrícola também institui um modo de pensar dominante (Shiva, 2003) marcado pelo desaparecimento do lugar, evidenciando uma transformação em andamento no estilo de vida da população local, através da Monocultura da Mente (Escobar, 2015; Shiva, 2003). A partir disso, o artigo traz a discussão da homogeneização dos saberes locais, derivados de uma lógica industrial/urbana estabelecida ao longo do século XX e avançando no século XXI (Santos, 2006), e a oposição às técnicas globais, através do conceito Ontologia Relacional, de Escobar (2015). Trata-se de um ensaio teórico, que se sustenta nas discussões de Santos (2006), Wilkinson, Goodman e Sorj (2008), Schultz (1965), além de outros autores decoloniais, como Escobar (2005, 2015) e Porto-Gonçalves (2002, 2006, 2015). O que nos propomos é uma discussão sobre o mundo global e local em justaposição, contribuindo para o entendimento do processo histórico latinoamericano.

Palavras-chave: monocultura da mente; técnicas; capital; ontologia relacional; território.

Resumen

En un contexto de avance de la globalización, marcado por una mayor urbanización, los estilos de vida se han vuelto cada vez más homogéneos donde las peculiaridades locales de cada territorio han perdido terreno frente a la dinámica global de la industria, el capital y sus técnicas e instrumentos de trabajo (Santos, 2006; Wilkinson; Goodman; Sorj, 2008). Concomitantemente con la homogeneización del lugar, el monocultivo agrícola también

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: douglasgerhardt@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0684-6583>.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Atualmente, é docente da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: clara@utfpr.edu.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9647-001X>.

instituye una forma de pensar dominante (Shiva, 2003) marcada por la desaparición del lugar, evidenciando una transformación continua en el estilo de vida de la población local, a través del Monocultivo de la Mente (Escobar, 2015; Shiva, 2003). A partir de esto, el artículo discute la homogeneización del conocimiento local, derivada de una lógica industrial/urbana establecida a lo largo del siglo XX y que avanza hacia el XXI (Santos, 2006, p.19), y la oposición a las técnicas globales, a través del concepto de Ontología Relacional, de Escobar (2015). Los autores estudiados serán Santos (2006), Wilkinson, Goodman y Sorj (2008), Schultz (1965), además de otros autores decoloniales, como Escobar (2005, 2015) y Porto-Gonçalves (2002, 2006, 2015). Nosotros proponemos una discusión sobre el mundo global y local en yuxtaposición, contribuyendo a la comprensión del proceso histórico latinoamericano.

Palabras clave: monocultura de la mente; técnicas; capital; ontología relacional; territorio.

Abstract

In a context of advancing globalization, marked by an increased urbanization, lifestyles have become increasingly homogeneous. The local peculiarities of each territory have lost ground in the face of the global dynamics of industry, capital and its techniques and work instruments (Santos, 2006; Wilkinson; Goodman; Sorj, 2008). Concomitantly with the homogenization of the place, agricultural monoculture also establishes a dominant way of thinking (Shiva, 2003) marked by the disappearance of the place, evidencing an ongoing transformation in the lifestyle of the local population, through the Monocultures of Mind (Escobar, 2015; Shiva, 2003). From this, the article discusses the homogenization of local knowledge, derived from an industrial/urban logic established throughout the 20th century and advancing into the 21st century (Santos, 2006), and the opposition to global techniques, through the concept of Relational Ontology, by Escobar (2015). The authors studied will be Santos (2006), Wilkinson, Goodman and Sorj (2008), Schultz (1965), as well as other decolonial authors, such as Escobar (2005, 2015) and Porto-Gonçalves (2002, 2006, 2015). We propose some discussions about the global and local world in juxtaposition, contributing to the understandings of the Latin American historical process.

Keywords: monocultures of mind; techniques; capital; relational ontology; territory.

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio teórico problematiza a homogeneização dos modos de vida na contemporaneidade, os quais são influenciados pelo capital e pelas técnicas. Para favorecer uma abordagem crítica à instituição das técnicas e do capital, cabe ao ensaio teórico refletir e interpretar qualitativamente a temática em questão, pois como descreve Meneghetti, o ensaio teórico difere-se da “forma classificatória da ciência”, a qual valoriza “uma racionalidade baseada na calculabilidade” (Meneghetti, 2011, p. 322). Como consequência tanto à instituição dessa racionalidade, quanto à influência do capital e das técnicas, a diversidade de saberes dá lugar à formação de uma Monocultura da Mente (Shiva, 2003), cada vez mais responsável pelo desaparecimento do lugar (Escobar, 2015). As respostas à homogeneização da

diversidade dos saberes, se dá pela relação do sujeito com o lugar, proposto pelo conceito de Ontologia Relacional, de Arturo Escobar (2015).

Portanto, o objetivo deste ensaio teórico é entender as dinâmicas das técnicas e do capital, juntamente com a Ontologia Relacional, no lugar e no sujeito. Para isso, o texto se divide em três partes. A primeira apresenta este campo de forças em que operam as técnicas, o capital e o saber local. A segunda parte enfatiza os movimentos contra-hegemônicos, conceituando a Ontologia Relacional de Escobar (2015). A terceira parte sintetiza o diálogo entre o local, a técnica e o capital, presentes nas dinâmicas sociais do e do lugar, propondo uma nova significação das Amazônias contemporâneas.

2 O SABER LOCAL EM OPOSIÇÃO ÀS TÉCNICAS E AO CAPITAL: A MONOCULTURA DA MENTE

Os movimentos de identificação da população com o seu local são afirmados pelas particularidades dos saberes e do local, como Escobar (2015) aponta pela centralidade do território, definido por ele como as condições materiais e culturais necessárias para a reprodução da vida. Diferentemente do território, Machado Araóz (2015) problematiza a noção de propriedade, a qual aliena o território, rompendo com o processo bioeconômico entre o ser e a terra, a sociedade e a natureza. Nesse sentido, a luta para que a identificação dos territórios entre na agenda global juntamente às questões de identidade, é diferente pela luta por terra, como uma commodity comerciável (Foster, 2005).

Os saberes e as técnicas, à medida em que são instituídos em larga escala, adquirem uma relação entre sujeito e objeto, estabelecendo uma relação de poder que “se funda a propriedade privada dos bens e as relações dos homens e mulheres entre si” (Porto-Gonçalves, 2006, p. 47). Portanto, os saberes locais são parte de um conhecimento intersubjetivo e intercultural, que trazem a capacidade de “afirmação da diferença onde cada qual se reinvente” (Porto-Gonçalves, 2006, p. 46), ou de outra forma, evidenciando os contatos que as diferentes culturas possam ter e ser

remodeladas a partir de suas trocas. Contudo, os saberes locais são consumidos pelo avanço da globalização, como afirma Escobar (2005, p. 142):

As mentes despertam num mundo, mas também em lugares concretos, e o conhecimento local é um modo de consciência baseado no lugar, uma maneira lugar-específica de outorgar sentido ao mundo. Contudo, o fato é que em nosso interesse, com a globalização, o lugar desapareceu.

Segundo Escobar (2015), a luta pelo local se faz ontológica, em oposição ao mundo moderno, tratada por Porto-Gonçalves (2006) como a primeira e a segunda moderno-colonialidade, as quais recartografaram o mundo pela assimetria de saberes, privilegiando o saber técnico dos cálculos que orientavam as navegações e o controle do tempo, ancorada no sentido religioso europeu. Tal assimetria é marcada por convenções globais, deixando sob a sua redoma outras formas de viver, como aponta Escobar (2015, p. 93): *"esta modernidad se ha arrogado el derecho de ser 'el' Mundo (civilizado, libre, racional), a costa de otros mundos existentes o posibles"*. Portanto, o desaparecimento do lugar é marcado pela reprodução das convenções globais do capital, as quais Shiva (2003) denomina como saber dominante, ou também, como monocultura mental. Assim como Shiva (2003) descreve que a imposição da monocultura ameaça a diversidade vegetal, os efeitos da imposição do saber dominante também ameaçam a diversidade de saberes. Segundo a autora,

O saber local resvala pelas rachaduras da fragmentação. É eclipsado com o mundo ao qual está ligado. Desse modo, o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas de variedades de plantas importadas, que leva à substituição e destruição da diversidade local. O saber dominante também destrói as próprias condições para a existência de alternativas, de forma muito semelhante à introdução de monoculturas, que destroem as próprias condições de existência de diversas espécies (Shiva, 2003, p. 25).

Da mesma forma que há uma imposição da monocultura nos saberes locais, o território também se torna parte do processo de globalização, ao focarmos a localidade pela ótica do nacional (Dirlik, 2001). Nesse sentido, parte da interpretação sobre o local também é parte de um processo global, como aponta Arif Dirlik (2001), deixando tanto o local quanto o global em justaposição. Esta justaposição é consequência da primeira e da segunda moderno colonialidade, apontadas por Porto-Gonçalves (2006) como contextos históricos responsáveis pela recartografia do

mundo, dividindo territórios e saberes, a partir de somente um local de enunciação: a Europa dos séculos XV e XIX. Em resposta a este processo, Escobar (2005) caracteriza a importância do território, especificamente por dois fatores. Por um lado, o local é central no tema do desenvolvimento, da cultura e do meio ambiente. Por outro lado, é igualmente essencial para imaginar outros contextos acerca da construção da política, do conhecimento e da identidade. Todavia, o território ainda se encontra relacionado ao nacional, reforçando as cartografias moderno coloniais de um único local de enunciação.

O interesse pela questão do território ganha força entre as décadas de 1980 e 1990 na agenda global, diferenciando-se da luta pela terra, ao retratar as identidades dos indígenas, camponeses e afrodescendentes, especificamente na América Latina (Escobar, 2015). Como aponta o sociólogo brasileiro Carlos Porto-Gonçalves (2006), a luta por territórios é diferente da luta pela terra, já que a última está vinculada com a produção, enquanto a primeira diz respeito aos sujeitos e grupos sociais que os compõem. De outra forma, Escobar (2015, p. 95) aponta que o território diz respeito “às condições materiais e culturais para a reprodução da vida”. Nesse sentido, a economia local e o ambiente natural, assegurados pelas práticas e conhecimentos locais, são fundamentais para entender a luta pelo território. Por meio destes fatores, o lugar reconfigura-se à medida que os grupos locais tenham participação ativa, reconstruindo “as matizes culturais e temporais”, repensando a “globalização e a questão das alternativas ao capitalismo e à modernidade” (Escobar, 2005, p. 144).

De acordo com Foster (2005), cabe à produção capitalista o desenvolvimento das técnicas, juntamente à produção social às custas do território. As localidades e as riquezas vistas pelas suas diversidades não ganham valor de mercado, pelo saber dominante, o qual tende à homogeneização dos saberes. Logo, tudo o que é diverso e contrapõe a lógica de comercial “não tem utilidade” sendo tratados como ervas-daninha, as quais “o espaço do saber local define até desaparecer” (Shiva, 2003, p. 42). Nesse sentido, Santos (2006) sintetiza estas preocupações ao questionar a abordagem das técnicas isoladas de sua natureza e do seu espaço, da mesma forma em que a sociedade se torna distante de seu meio, descontextualizada de suas técnicas.

Para Milton Santos (2006), o que falta ao seu campo de estudo seria uma abertura às técnicas como epistemologia em relação com o espaço, revelando a riqueza histórica desta síntese, como bem aponta o autor sobre a relação das técnicas com o seu contexto histórico:

Através dos objetos, a técnica é história no momento da sua criação e no de sua instalação e revela o encontro, em cada lugar, das condições históricas (econômicas, socioculturais, políticas, geográficas), que permitiram a chegada desses objetos e presidiram à sua operação. A técnica é tempo congelado e revela uma história (Santos, 2006, p.29).

Ao tratarmos destas técnicas de forma global, é necessário partirmos do princípio da desigualdade de suas propagações. É possível haver técnicas diferentes, dotados de seus contextos históricos, de épocas diversas, em um mesmo local. Nesse sentido, a ação das técnicas – de forma concomitante – promove alterações nas formas de vida em um local onde as técnicas antigas "são um obstáculo à difusão do novo ou juntos encontram a maneira de permitir ações simultâneas." (Santos, 2006, p.25). No entanto, as formas de tratar estas diferenças têm sido hierarquizadas, consagrando os adeptos às novas técnicas e estigmatizando aqueles que não se adaptam às novas técnicas (Schultz, 1965)³.

A crítica de Shiva (2003) ao propor o conceito de Monocultura da Mente, vem diretamente em oposição à resistência de troca de saberes, a qual Schultz (1965) refere-se ao hierarquizar o pequeno agricultor incapaz de se adaptar. Enquanto que, para Schultz⁴, é necessário explicar o porquê de tais agricultores empregarem os "obsoletos fatores tradicionais" e não migrarem para os novos fatores de produção agrícola, Shiva (2003) cita o exemplo da diversidade como prática de participação social e ecológica, importantes para contrapor as imposições das monoculturas.

³ Para Schultz (1965), haveriam três processos de passagens de conhecimento de como utilizar-se das novas técnicas, e elas seriam afetadas se algumas comunidades "tivessem de depender inteiramente desse processo, as possibilidades de modernização numa década ou mesmo numa geração seriam verdadeiramente muito fracas." O primeiro processo seria "consagrado pelo tempo, de tentativa e erro, ensinado pela experiência crua." (Schultz, 1965, p.174). Uma segunda possibilidade seria através do treinamento sobre o maquinário. Estes treinamentos seriam feitos pelas empresas e pelo Estado. Os exemplos das escolas populares dinamarquesas disseminaram os estudos, assim como a União Soviética e os Estados Unidos investiram esforços para mecanizar o trabalho de campo, instituindo uma educação formal (Schultz, 1965). A terceira possibilidade é em relação à instrução, de forma mais ampla, que vai além dos trabalhos técnicos.

⁴ Segundo o autor, a explicação estaria limitada aos custos da adaptação, os quais seriam "muito altos para eles" (Schultz, 1965, p. 172).

Enquanto que os quintais das residências rurais na Índia demonstravam que as plantas serviam de subsistência para os camponeses – bem como para enriquecer o solo – a substituição pelas plantas que abasteciam as fábricas deixou de alimentar a população local, assim como a mão de obra deixou de servir o local para servir à fábrica (Shiva, 2003). Desse modo, a autora cita o exemplo da fábrica como parte deste processo de monocultura:

Em lugar do pluralismo cultural e biológico, a fábrica produz monoculturas sem sustentabilidade na natureza e na sociedade. [...] A diversidade tem de ser erradicada como uma erva daninha, e as monoculturas uniformes – de plantas e pessoas – têm de ser administradas de fora porque não são mais autorreguladas e autogeridas. Aqueles que não se ajustam à uniformidade são declarados incompetentes (Shiva, 2003, p.33).

Certamente a natureza, seja enquanto terra, espaço ou reprodução biológica, não representa mais, então, uma limitação definitiva à transformação capitalista do processo de produção e da divisão social do trabalho. Nesse sentido, a industrialização na agricultura aparece como a técnica fundamental para transformar a relação com o espaço (Goodman; Sorj; Wilkinson, 2008). De acordo com Goodman, Sorj e Wilkinson (2008), a industrialização agrícola tem como característica as inovações mecânicas, químicas e genéticas, as quais são responsáveis por homogeneizar as produções – eliminando os fatores que produzem heterogeneidade, como a terra e a natureza – a fim de aumentar a efetividade da produção.

Esse aumento de efetividade a partir da incorporação da indústria na produção local se deu a partir da chamada Revolução Verde, a qual englobava o setor químico, os processos de inovação na biotecnologia e a mecanização⁵. Além disso, foram introduzidas as “sementes milagrosas”, que complementaram a difusão da cadeia industrial na agricultura. Portanto, a introdução destas sementes foi fator fundamental para consolidar o ideal de monocultura na agricultura, também chamada de “agricultura científica” (Shiva, 2003, p.25), a qual transforma a planta em matéria prima

⁵ "O paradigma da Revolução Verde substituiu o ciclo dos nutrientes por fluxos lineares de insumos de fertilizantes químicos comprados de fábricas e produtos comercializados de bens agrícolas" (Shiva, 2003, p. 77)..Um destes produtos comercializados, de acordo com Shiva (2003), seriam as sementes milagrosas, chamadas de Variedades de Auto Rendimento, as quais são mais visadas no mercado internacional. São as mesmas sementes utilizadas na monocultura, tendo as indústrias mecânicas e de químicos como base para a incorporação.

para mercados isolados. Não obstante, a diversidade de saberes e espécies seriam gradualmente substituídas, à medida que as monoculturas se tornariam parte do seu local não somente como parte da produção agrícola, mas também como monocultura mental, o que vai seguidamente prejudicando as bases que sustentam as comunidades pela degradação do meio ambiente.

As novas técnicas globais expressam o deslocamento da importância do lugar, ao focarmos tão somente no produto originado pela lógica da economia capitalista. Essa influência do capital nas técnicas universais é evidente após a Segunda Guerra Mundial, quando a continuidade do império norteamericano se dava não pela conquista de território, mas sim pela disseminação das técnicas, do “controle do aparelho produtor de ciência e de tecnologia e a associação entre esse aparelho, a atividade econômica e a atividade militar” (Santos, 2006, p.2 7). Seguindo essa expansão das técnicas, o ideal de civilização estaria vinculado à ideia de urbanização, mediante o capital, ditando o *modus operandi* da vida humana. Santos (2006) demonstra a ideia de universalização do espaço urbano como ideal de civilização a partir das técnicas e dos instrumentos derivados daquelas. Enquanto no século XIX a cidade era um produto cultural – aliando essa ideia de produto cultural à localidade e à regionalidade – no século XX e XXI, a cidade se torna um modelo de técnica universal.

As transformações trazidas pelas mudanças técnicas do estilo de vida moderno e ocidental necessitam ir ao encontro das discussões sobre o espaço, como Santos (2006) problematiza. Este questionamento vem ao encontro de Escobar (2005, p. 133) ao tratar da consequência aguda e dolorosa, que é a “condição generalizada de desenraizamento” da modernidade. Ou seja, os fatores universalizantes e homogeneizantes das técnicas globais, trazidas pela industrialização e pelo capital, se transformou no fundamento moderno que produz os exílios e refúgios (Escobar, 2005). Para isso, os movimentos que agem em oposição às condições da modernidade são essenciais para “reconstruir o mundo a partir de uma perspectiva de práticas baseadas-no-lugar” (Escobar, 2005, p. 134), da mesma forma que Santos (2006, p. 21) já afirma a importância das técnicas “e que permitisse uma interpretação da forma como as novas presenças técnicas vêm agindo e transformando o território”.

De outra forma, a centralidade do território nos saberes é por uma reafirmação do lugar, o não-capitalismo, e a cultura local opostos ao domínio do espaço, o capital e a modernidade, os quais são centrais no discurso da globalização. Relacionando com Santos (2006), no seu debate sobre as técnicas e os meios, Escobar (2005) aponta as possíveis contradições da impureza dos saberes locais, os quais estão imersos em relações de poder, como criações históricas dispostas em suas relações com o mundo, das configurações do global e do capital. De qualquer forma, como aponta Porto-Gonçalves (2006, p. 46), é necessária a “afirmação da diferença onde cada qual se reinvente”.

3 O REAPARECIMENTO DO LOCAL E A LUTA PELA VIDA: A ONTOLOGIA RELACIONAL

O apagamento do lugar se evidencia em uma relação assimétrica existente entre o global e o local, reforçada pela preocupação de Santos (2006) sobre o espaço, reflete a pouca importância dos teóricos sobre as técnicas, ou os saberes locais. Nesse sentido, os estudos que retratam as mudanças científicas e tecnológicas desconsideram onde são produzidos ou aplicados tais conhecimentos (Santos, 2006). Escobar (2005, p. 144) afirma que:

O global está associado ao espaço, ao capital, à história e à ação humana, enquanto o local, contrariamente, é vinculado ao lugar, o trabalho e as tradições, assim como sucede com as mulheres, as minorias, os pobres e poder-se-ia acrescentar, às culturas locais.

De alguma forma, apesar de estarem imersos em suas contradições, os movimentos étnico culturais afirmam mais do que a luta pelo seu território: a sua luta é pela vida. Escobar (2015) introduz, então, a problematização da vida em um contexto local, elaborando o conceito de Ontologia Relacional do território, isto é, a forma de existir em outros modos de vida.

A Ontologia Relacional é o espaço tempo ocupado pelo mundo dos humanos com o resto de outros mundos que o circundam (Escobar, 2015). Eles se complementam em sinergia, como é visto em algumas tradições indígenas e africanas, na importância que as montanhas e as árvores têm para o seu território.

Assim, há o estabelecimento de uma relação entre sujeitos, visíveis e/ou invisíveis, humanos e/ou não humanos. Estas novas aproximações exigem seus respectivos protocolos e não é pautada somente em uma relação de "instrumentação ou de uso" (Escobar, 2015, p. 96). Portanto, o território é importantíssimo para se pensar as questões de comunidade, bem como as suas técnicas e sua riqueza histórica. O autor descreve a uma relação entre pai e filha, ao pescar em um bote, para se referir a todos os acontecimentos de um local, de uma comunidade, como podemos sentir na citação abaixo:

O bote foi feito de uma árvore do mangue graças ao conhecimento aprendido pelo pai de seus ancestrais; o mangue foi explorado em todos os cantos pelos habitantes locais, aproveitando a rede fractal de estuários que os atravessa e comunica; há uma ligação com o mar e com a lua representada pelo ritmo das marés, que os locais conhecem à perfeição, e isso supõe outra temporalidade; lá há também o próprio mangue, que é uma grande rede de interrelações entre minerais, microorganismos, vida aérea (raízes, árvores, insetos, pássaros), vida aquática e anfíbios (caranguejos, camarões, outros moluscos e crustáceos, peixes), e até mesmo seres sobrenaturais que às vezes estabelecem uma comunicação entre os vários mundos e seres (Escobar, 2015, p. 93).

A visão da modernidade que considera uma interpretação única de que habitamos somente em um mundo, exclui a possibilidade de outras ontologias. Hoje, o pensamento da montanha como sujeito é somente parte da crença das comunidades. Desse modo, o território é retirado de seu lugar, como sujeito, excluindo uma dinâmica importante dos modos de vida das comunidades, retirando a validade da ciência ao adentrar em questões de crença (Escobar, 2015). Para isso, Escobar (2015) complementa o seu conceito de Ontologia Relacional ao tratar objetivamente destas questões em uma arena chamada de ontologia política, na qual haja múltiplos mundos, com suas respectivas referências, sem haver sobreposições. No entanto, segundo o mesmo autor, as questões do local ainda caminham sem contexto, postas em uma relação assimétrica sob a influência das técnicas, do capital e da globalização. Estas questões são problematizadas por Escobar ao tratar de uma cultura de subordinação local ao global:

Na medida em que foram significativamente separadas do lugar no "frenesi da globalização" das "identidades desterritorializadas" —e em muitos discursos isso privilegia as viagens, a mobilidade, o deslocamento e a diáspora— as noções contemporâneas da cultura não conseguem escapar

deste aperto, porque tendem a assumir a existência de uma força global à qual o local está necessariamente subordinado (Escobar, 2005, p. 144).

Shiva (2003) estabelece a contradição das técnicas globais que desconsideram as dinâmicas locais: a monocultura destrói a sua base ao destruir a diversidade. Ao focar na produtividade comercial, as técnicas globais do capital destroem o saber local e a vegetação. Enquanto estas técnicas globais rompem com o espaço, a monocultura mental leva ao “solapamento de sua sustentabilidade” ao separar os saberes locais de sua diversidade vegetal. Em outras palavras: “o aumento da produtividade do ponto de vista comercial destrói a produtividade do ponto de vista das comunidades locais” (Shiva, 2003, p. 68).

4 ALGUMAS REFLEXÕES PARA FINALIZAR ESSE ESCRITO: UMA SÍNTESE DIALÓGICA ENTRE GLOBAL E LOCAL

É notável a influência do capital sobre os lugares, homogeneizando as culturas ditando o modelo de civilização, como afirma Santos (2006). De igual modo, as riquezas são ofuscadas pelo valor de mercado, pois as técnicas de produção de saberes, assim como a produção de alimentos, “não ganham valor de mercado, pelo saber dominante, o qual tende a homogeneizar as plantações obedecendo a lógica do mercado” (Shiva, 2003, p. 42). Portanto, a urgência de tratar sobre o local se dá em oposição aos fluxos de capital cada vez mais incontidos, como se é visto pelo trabalho dos grupos indígenas, ambientalistas e movimentos sociais, cada vez mais numerosos e influentes na esfera transnacional (Escobar, 2005).

No entanto, é inevitável a influência de um sobre o outro: o global incide no local, assim como o local atinge o global. Nesse sentido, surgem algumas controvérsias para lidar com essa dicotomia, como por exemplo a romantização do local (Escobar, 2015) – que busca uma posição de imaculado – e descontextualização da técnica, sem o enfoque do local (Santos, 2006). Em ambos os casos, essa discussão torna-se mais complexa aos abordarmos aspectos contraditórios do capital e do poder, que também constituíram as localidades no passado (Jacobs, 2002). No

entanto, conforme a abordagem de Escobar (2015) sobre a Lei 70⁶, que diz respeito ao asseguramento do território das comunidades negras na Colômbia, é importante frisar o porquê de ser constantemente lembrada a conquista do território. A conquista não para na lei, no passado, na crítica, nem se é romantizada ou irreal, nem constitui como uma “pedra no sapato” em alcançar o progresso, pois está fundamentada num sentido muito mais profundo, no “entendimento profundo sobre a vida” (Escobar, 2015, p. 95). O asseguramento do local também assegura um nível de consciência planetária, fazendo frente às grandes políticas do desenvolvimento e da economia.

A partir das discussões sobre as técnicas e o espaço, Roca (1989) sintetiza esta relação entre os saberes globais e locais, em três níveis: os gêneros de vida surgem a partir da técnica, em relação à sociedade que a insere, juntamente com o meio geográfico o qual a acolhe, e este todo se forma numa relação coerente. O segundo nível é que a técnica surge a partir dos instrumentos de trabalho – agente, matéria, instrumento de trabalho e produto. O terceiro nível é o que coloca a interrelação do tripé sociedade, técnica e o meio (Roca, 1989).

Desse modo, a síntese entre o sujeito e objeto, rompida pelas lógicas de técnicas universais e criadas a partir da abstração do capital e dos meios subjacentes (industrialização e urbanização), são reconstruídas pela noção de Ontologia Relacional, trazida por Escobar (2015). O autor devolve a legitimidade do espaço para os estudos das comunidades, dotadas de suas identidades, marcadas pelas suas ancestralidades, as quais não se empiricizam somente pelo seu lugar, mas também pelo seu tempo, indo ao encontro das abordagens de Santos (2006, p. 33): “assim empiricizamos o tempo, tornando-o material, e desse modo o assimilamos ao espaço, que não existe sem materialidade”. Não obstante, a síntese entre o global e o local constitui-se de um exemplo de interculturalidade, afirmando diferenças, e baseando-se no diálogo e no conflito inerente de uma relação dialógica (Freire, 2013). Tal conflito põe frente a frente os distintos, reconhecendo o meio em que eles estão inseridos e

⁶ “La Ley 70 surge de la nueva Constitución Política de 1991 que, entre otras cosas, declaro a Colombia como un país multiétnico y pluricultural. E pelo Decreto 1745 de 1995 houve o reconhecimento do direito à propriedade coletiva das terras das comunidades negras” (Escobar, 2015, p. 94).

as forças sociais que atuam nestes seres. Portanto, a síntese ocorre a partir da relação dialógica, como formadora de libertações e de uniões (Oliveira, 2015).

Por fim, é importante olhar para estes atravessamentos das técnicas e do capital no contexto das Amazônias no plural, identificando que não existe somente uma Amazônia, no singular – como os de fora da região tendem a vê-la – mas sim, plural e multifacetada, que é constituída pela pluridiversidade de espaços e sujeitos. Composta por um jogo de forças em que atuam o capital e as técnicas, também há as Amazônias que são resistência. Os modos de vida das diferentes Amazônias que representam esta resistência têm a singularidade cultural e política suficientes para fazer frente à monocultura, principalmente os povos originários, às populações ribeirinhas que possuem seus protocolos com suas comunidades, bem como para com a sociedade nacional (Sanjad; Muniz; Schweickardt, 2019). Nesse sentido, a influência que as técnicas e o capital exercem sobre a região também pode ser confrontada pela perspectiva da Ontologia Relacional, a qual enfatiza as relações entre as comunidades com os seus respectivos locais caracterizando uma luta pela vida (Escobar, 2015).

Desse modo, pensar as Amazônias, é pensar sobre essa carga de saberes técnicos e contextualizados no espaço, como propõe Santos (2006), juntamente com o saber local e seus sujeitos, criando novos e diferentes arranjos sociais que incidem em epistemologias e ontologias outras, que variam conforme a especificidade da região, partindo de um contexto globalizado, urbanizado e também de um contexto local. Estas combinações de fatores entre sujeito e objeto que, aparentemente se fazem distintas, são fundamentais para a compreensão das dinâmicas locais, ainda que possam fazer parte de uma mesma região geográfica. Como escreve Porto-Gonçalves (2015), dentre as várias Amazônias coexistentes, há aquelas que tornam possível uma vida melhor para os seus habitantes e para o planeta.

REFERÊNCIAS

DIRLIK, Arif. Place-based Imagination: Globalism and the Politics of Place. *In*: PRAZNIAK, Roxann; DIRLIK, Arif (ed.). **Places and Politics in an Age of Globalization**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2001.

ESCOBAR, Arturo. O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 133-168.

ESCOBAR, Arturo. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio.” **Desenvolv. Meio Ambiente**, v. 35, p. 89-100, dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/43540/27088>. Acesso em: 18 out. 2024.

FOSTER, John Bellamy. **A ecologia de Marx: materialismo e natureza**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOODMAN, David, SORJ, Bernardo; WILKINSON, John. **Da lavoura às biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

JACOBS, Jane M. **Edge of empire: Postcolonialism and the city**. Londres: Routledge, 2002.

MACHADO ARÁOZ, Horacio Alejandro César. Marx, (los) marxismo(s) e a ecologia: notas para um alegado ecosocialista. **GEOgrafia**, v. 34, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13710/8910>. Acesso em: 18 out. 2024.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico? **Revista de administração contemporânea**, v. 15, p. 320-332, 2011. Disponível em: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/845/842>. Acesso em: 17 out. 2024.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire: gênese da educação intercultural no Brasil**. Curitiba: CRV, 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. Da Geografia às geografias. Um mundo em busca de novas territorialidades. *In*: CECENIA, A.; SADER, E. (comps.). **La guerra infinita: hegemonía y terror mundial**. Buenos Aires: CLACSO, 2002. p. 217-256.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-americana. **GEOgraphia**, v. 8, n. 16, p. 41-55. 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13521/8721>. Acesso em: 18 out. 2024.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **Amazônia, amazônias**. São Paulo: Contexto, 2015.

ROCA, Pierre-Jean. Les géographes tropicalistes et la technique. *In*: BRUNEAU, Michel; DORY, Daniel. **Lesenjeux de la tropicalité**. Paris: Masson, 1989. p. 119-127.

SANJAD, Nelson; MUNIZ, Érico Silva; SCHWEICKARDT, Júlio. Amazônia Global: Espaços de Circulação e Representação da Fronteira. **Revista de História**, São Paulo, n. 178, p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/163465>. Acesso em: 16 out. 2024.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SCHULTZ, Theodore W. **A Transformação da Agricultura Tradicional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

Recebido em: 18/10/2024

Aceito em: 16/12/2024

Publicado em: 30/07/2025



Este conteúdo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)